Revista (Con)Textos Linguísticos
Periódico do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) eISSN 1982-291X

(Con)Textos Linguísticos, Vitória
v. 20, n. 44, 2026 | 294-316 |
periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos
Recebido: 04-2026
Aceito: 07-2026

Implicaturas conversacionais em entrevistas com presidenciáveis nas eleições de 2022: uma análise pragmática

Conversational Implicatures in Interviews with Presidential Candidates in the 2022 Elections: A Pragmatic Analysis

Ana Carolina Fracalossi Goulart[1]
Lorena Silva Mariano Medina[2] 3
Guilherme Mees Zen[3]

Resumo: Este artigo analisa, à luz da Pragmática, como candidatos à presidência da república mobilizam implicaturas conversacionais em entrevistas e sabatinas eleitorais para gerenciar sua imagem pública nas eleições de 2022. Fundamentado na Pragmática, o referencial teórico centra-se na teoria das implicaturas de Paul Grice e no Princípio da Cooperação, além de conceitos sobre preservação de face e discurso político. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa de trechos das entrevistas do Jornal Nacional (Rede Globo) nas eleições de 2022, com os candidatos Jair Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva e Simone Tebet. Os resultados demonstram que as violações das máximas conversacionais, especialmente as de Relevância, Quantidade e Modo, não são falhas comunicativas, mas recursos estratégicos conscientes. O trabalho conclui que os candidatos, enquanto entrevistados, utilizam sentidos implícitos para evitar responsabilizações, deslocar focos temáticos e construir legitimidade, revelando que a eficácia política nessas interações depende da habilidade de negociar sentidos e gerenciar os efeitos da exposição da própria face interacional.

Palavras-chave: Pragmática. Implicaturas Conversacionais. Discurso Político. Sabatinas Eleitorais. Preservação de Face.

Abstract: This article analyzes, from a Pragmatic perspective, how candidates for the presidency of the republic mobilize conversational implicatures in electoral interviews and briefings to manage their public image during the 2022 elections. Based on Pragmatics, the theoretical framework centers on Paul Grice's theory of implicatures and the Cooperative Principle, in addition to concepts of face preservation and political discourse. Methodologically, the research adopts a qualitative and interpretive approach, examining excerpts from the *Jornal Nacional* (Rede Globo) interviews in 2022 with candidates Jair Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva, and Simone Tebet. The results demonstrate that violations of conversational maxims—especially those of Relation, Quantity, and Manner—are not communicative failures but conscious strategic resources. The study concludes that the candidates, as interviewees, utilize implicit meanings to avoid accountability, shift thematic focus, and build legitimacy, revealing that political effectiveness in these interactions depends on the ability to negotiate meanings and manage the effects of public interactional face exposure.

Keywords: Pragmatics. Conversational Implicatures. Political Discourse. Electoral Briefings. Face Preservation.

[1] Doutora pela Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: anacarolinafracalossigoulart@gmail.com
[2] Doutoranda na Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: lorena.mariano@edu.ufes.br
[3] Graduado pela Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, ES, Brasil. Endereço eletrônico: guilhermemeeszen@gmail.com

CC BY

Introdução

O debate político contemporâneo e a sabatina eleitoral constituem eventos interacionais de conversa pública. Neles, figuras de autoridade, como candidatos à presidência ou a outros cargos de relevância, disputam credibilidade e apoio diante de um grande público. Ao contrário das conversas cotidianas, debates e entrevistas eleitorais seguem regras claras, sendo influenciados pela mídia e tendo expectativas próprias sobre como os participantes devem se comunicar (Charaudeau, 2010).

Trata-se, portanto, de um evento interacional de caráter político e de promoção da candidatura política, sobretudo por ocorrer em espaço televisivo aberto, tradicional palco de disputa e de construção de imagens públicas. Dessa forma, diferentemente de uma interação cotidiana, a sabatina eleitoral possui papéis e finalidades pré-determinadas, e se constrói como um evento público voltado estrategicamente ao eleitorado.

Embora, sob a ótica das máximas conversacionais, possa parecer que determinadas respostas constituem uma falha comunicativa, na verdade, o candidato não coopera devido ao 'jogo político' e à necessidade de manter sua credibilidade diante da audiência. O político faz uso desse espaço não com a intenção de responder efetivamente às perguntas do entrevistador, mas sim para reafirmar sua agenda política e promover-se indiretamente.

Nesses eventos discursivos, os candidatos não só argumentam, mas também gerenciam a própria imagem, tentando controlar os temas discutidos (Charaudeau, 2010). A entrevista política, como um evento interacional (cf. Garcez e Ostermann, 2002), é constituída pela sua organização sequencial, características, regras de participação e papéis que seus participantes assumem dentro do jogo institucional. Trata-se de um evento de perguntas e respostas, em que de um lado há um participante empenhado no papel de fazer perguntas, na busca por uma resposta do interlocutor, com a intenção de esclarecer, confirmar ou ampliar uma

determinada informação que considera relevante para aquele tipo de interação. Do outro, um participante, que, neste trabalho, está em disputa pelo maior cargo público no Brasil, a presidência da república; e tem a obrigação de mostrar por que deve ser a escolha do eleitorado (Goulart, 2025).

Sob a perspectiva linguística, este é um espaço, então, de perguntas difíceis. Para Goulart (2025), as perguntas construídas nesses eventos frequentemente introduzem agendas que os entrevistados tendem a evitar ou silenciar, já que podem colocar em xeque suas posições ou estratégias políticas. No entanto, quando o evento em questão é uma entrevista com um presidenciável, fazer perguntas difíceis é parte fundamental do papel institucional dos entrevistadores que assumem veículos de comunicação de grande audiência a favor de uma escolha política democrática.

Nessa dinâmica, Clayman e Heritage (2010) observam que nas interações jornalísticas com viés político perguntas são formuladas a partir de duas facetas distintas: a da objetividade e a da adversidade. O primeiro critério refere-se ao princípio de formular perguntas que atendam ao interesse público, assegurando a objetividade, ainda que isso implique restringir-se a uma abordagem neutra e imparcial. O segundo critério relaciona-se à necessidade de questionar criticamente o entrevistado, que está em disputa por um cargo público, a fim de evitar que a entrevista se transforme em um espaço de promoção pessoal, impedindo que ele conduza a interação ou se esquive de temas politicamente desfavoráveis.

No entanto, percebe-se que entrevistados políticos, por vezes, mudam o foco, desviam o assunto e utilizam respostas ambíguas. Isso ocorre porque os entrevistadores tendem a elaborar suas perguntas para desafiar ou expor contradições, apresentando agendas que os entrevistados prefeririam não abordar. Dessa forma, tais estratégias não visam apenas a fuga do tema, mas servem para sugerir ideias, proteger a própria “face” e deixar espaço para diferentes interpretações (Goffman, 1967).

Segundo Goffman (1967, p.5), a face é “o valor social positivo que um indivíduo efetivamente reclama para si”. Nas sabatinas presidenciais, torna-se crucial observar a tensão entre a preservação dessa imagem e os Atos Ameaçadores à Face (AAF), conceito cunhado por Brown e Levinson (1987). Para os autores, os AAF são “atos que, por sua natureza, contrariam os desejos de face do destinatário e/ou do falante” (Brown e Levinson, 1987, p. 313), ou seja, ações linguísticas que impõem ou expõem o outro, podendo causar desconforto e, assim, violar a face positiva do candidato, que é seu desejo de ser aprovado e admirado.

Diante de um questionamento sobre corrupção, por exemplo, dificilmente o candidato opta por negar ou ficar em silêncio, já que essas ações poderiam ser vistas como falta de cooperação, grosseria ou ainda admissão de culpa. A partir da ameaça direta, ele tende a responder de maneira ambígua ou evasiva, gerando implicaturas. Essa manobra pragmática é o que permite ao candidato sustentar que não afirmou exatamente o que o público inferiu, protegendo, assim, a sua imagem. Segundo Brown e Levinson:

> No contexto da vulnerabilidade mútua da face, qualquer agente racional buscará evitar esses atos ameaçadores da face (AAF), ou empregará certas estratégias para minimizar a ameaça. Em outras palavras, ele levará em consideração o peso relativo de (pelo menos) três desejos: (a) o desejo de comunicar o conteúdo do AAF *x*, (b) o desejo de ser eficiente ou urgente, e (c) o desejo de manter a face do ouvinte em qualquer grau. A menos que (b) seja maior que (c), o falante desejará minimizar a ameaça de seu AAF. (Brown e Levinson, 1987, p. 315-316, tradução nossa).[4]

Para compreender o funcionamento dessas estratégias na interação, é necessário recorrer a um aparato teórico que considere o significado para além do conteúdo literal. Nesse sentido, a Pragmática, área da linguística que estuda o uso da linguagem em contextos reais, oferece instrumentos analíticos fundamentais. Ela mostra que o significado de uma fala vai além das palavras ditas, levando em conta

[4] In the context of mutual vulnerability of face, any rational agent will seek to avoid these face-threatening acts, or will employ certain strategies to minimize the threat. In other words, he will take into consideration the relative weightings of (at least) three wants: (a) the want to communicate the content of the FTA x, (b) the want to be efficient or urgent, and (c) the want to maintain H’s face to any degree. Unless (b) is greater than(c), S will want to minimize the threat of his FTA (Brown e Levinson, 1987, p. 315-316).

o contexto, as intenções do falante e o que o público entende (Levinson, 1983; Grice, 1975). Dessa forma, respostas que parecem fugir do assunto podem ser interpretadas, pragmaticamente, como estratégias interacionais para lidar com as expectativas e proteger o capital político.

À luz dessas considerações, este artigo analisa como candidatos à presidência mobilizam implicaturas conversacionais ao responder perguntas em sabatinas eleitorais. O objetivo é demonstrar que criar sentidos indiretos é uma estratégia importante para construir a imagem política do candidato (Charaudeau, 2010). Para tanto, o texto organiza-se da seguinte maneira: primeiramente, discute-se o debate político como um evento de interação pública e institucional e apresentam-se os fundamentos da Pragmática que sustentam a análise, com ênfase na teoria das implicaturas de Grice; em seguida, detalha-se os procedimentos metodológicos adotados; posteriormente, procede-se à análise dos dados, com foco nas implicaturas identificadas nos excertos de entrevistas; e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

Fundamentação teórica: implicaturas conversacionais

A compreensão da comunicação humana vai além do significado literal das palavras, da decodificação puramente semântica do enunciado. Em seu artigo clássico "Lógica e Conversação", Herbert Paul Grice (1975) propõe uma teoria fundamental para explicar como os interlocutores constroem e interpretam sentidos que não estão contidos na literalidade das interações cotidianas e institucionais. O autor observa que o diálogo não é uma sucessão de enunciados desconexos, mas um esforço colaborativo orientado por objetivos compartilhados. Essa concepção fundamenta-se no Princípio da Cooperação, segundo o qual os participantes de uma conversa devem contribuir de acordo com o propósito e a direção aceitos no diálogo em que estão engajados.

Para operacionalizar esse princípio, Grice propõe quatro máximas conversacionais (quantidade, qualidade, relação e modo), cada uma desempenhando um papel crucial para garantir que a comunicação seja eficaz, cooperativa e significativa. A primeira, a máxima da quantidade, refere-se ao grau de informatividade esperado, ou seja, o falante deve fornecer informação suficiente para os efeitos da interação, evitando tanto o excesso quanto a falta. A máxima da qualidade estabelece o compromisso com a verdade da informação fornecida, sendo assim, é importante que os interlocutores não digam algo que considerem ser falso. A máxima da relação (ou relevância), por sua vez, exige que as contribuições sejam relevantes, isto é, as contribuições devem ser pertinentes ao tópico em curso; enquanto a máxima do modo exige clareza, brevidade e organização, a fim de que a ambiguidade e a obscuridade sejam evitadas. É imperativo destacar que, como bem observam Grice (1975) e Levinson (1983), essas máximas não são regras rígidas, mas diretrizes que os falantes geralmente seguem para facilitar a compreensão.

É importante ressaltar que violações deliberadas dessas máximas podem gerar implicaturas, significados inferidos pelos ouvintes além do que é explicitamente declarado, o que é especialmente relevante em contextos como discurso político. A partir desse arcabouço, Grice introduz uma distinção conceitual crucial entre "o dito" (o conteúdo proposicional e literal) e "o implicado" (o sentido adicional derivado do contexto). O dito corresponde ao significado convencional das palavras, aquilo que é literalmente enunciado, enquanto o implicado refere-se a tudo o que é comunicado além do literal.

O mecanismo central para a geração de implicaturas conversacionais ocorre quando uma máxima é "explorada", isto é, quando o falante a viola de forma intencional, sinalizando que, apesar da transgressão aparente, permanece cooperativo em um nível mais profundo. Esse fenômeno é ilustrado pelo clássico exemplo da carta de recomendação de um aluno de filosofia que concorre a uma

vaga de emprego (Grice, 1975, p. 52), em que o professor de filosofia afirma apenas que o candidato tem bom domínio de inglês e que frequenta as aulas, omitindo, assim, qualquer comentário sobre as habilidades filosóficas. Aqui, o professor viola a máxima da quantidade, visto que, sabendo que a vaga era para professor de filosofia, espera-se que a carta conste informações sobre o talento intelectual do candidato, informação que o professor opta por não oferecer. Dessa forma, ao não fornecer tais informações, o remetente implica que o candidato não é bom em filosofia, permitindo que o destinatário infira essa mensagem sem que ela seja explicitamente dita. Nesse exemplo, fica claro que aquilo que as pessoas não dizem, ou seja, o que está implicado, também pode ser interpretado.

Grice também estabelece que as implicaturas conversacionais possuem algumas propriedades que as tornam ferramentas estratégicas valiosas, especialmente no campo político. Primeiramente, elas podem ser canceláveis, o que permite ao falante adicionar informações que anulem o que está implícito. No caso da carta de recomendação, a implicatura poderia ter sido desfeita se o autor acrescentasse: “O inglês dele é ótimo e, inclusive, ele é o melhor aluno de filosofia que eu já tive”.

Além disso, as implicaturas não estão ligadas a uma única palavra, mas ao conteúdo do dito, apresentando, assim, não-destacabilidade. Isso significa que o sentido implícito está atrelado ao conteúdo semântico, e não a palavras específicas. Por exemplo, se o professor optasse por trocar as palavras por sinônimos, como: ‘Ele possui um domínio excelente da língua inglesa’, a implicatura permaneceria intacta. Tais sentidos também são não-convencionais, isto é, não constam no dicionário, sendo construídos no contexto. O implícito é algo extra à mensagem literal, ainda que possam se tornar convencionalizadas ao longo do tempo.

Outro ponto importante é que a implicatura não depende da verdade do dito, mas da forma como se escolheu dizer. O fato de o inglês do candidato ser bom pode ser totalmente verdadeiro, mas o implicado de que ele não é bom em filosofia

está na decisão de ter dito apenas aquilo e omitido o restante das informações. Dessa forma, a verdade do dito não confirma a verdade do implicado. Por fim, as implicaturas tendem a ser abertas a interpretações, podendo ter mais de um sentido por trás. Na carta, o destinatário precisa navegar por algumas possibilidades: o professor estava sugerindo que o aluno é ruim em filosofia, ou apenas estava com pressa ao escrever a recomendação (Grice, 1975, p. 57 e 58).

Essa teoria mostra-se especialmente útil para a análise do discurso político em contextos como entrevistas e debates, conforme proposto neste artigo. Quando um candidato oferece respostas indiretas, aparentemente irrelevantes ou vagas, não está simplesmente falhando na comunicação, mas explorando estrategicamente as máximas conversacionais para gerar implicaturas. O público, partindo do pressuposto de que o candidato é cooperativo dentro das regras do jogo político, infere sentidos implícitos que posicionam o candidato, preservam sua imagem ou desqualificam adversários (Amossy, 2017). Assim, Grice fornece instrumentos teóricos para compreender como a linguagem política opera simultaneamente no nível do dito e no nível do implicado, onde se constroem efetivamente as disputas por legitimidade na esfera pública.

No discurso político, esses significados implícitos são muito importantes e empregados estrategicamente. Estudos em Pragmática mostram que as implicaturas ajudam os políticos a se comunicarem de maneiras que são frequentemente mais eficazes e seguras para sua imagem pública (Grice, 1975; Levinson, 1983; Amossy, 2017). Quando um candidato oferece respostas aparentemente tangenciais, ele não está necessariamente falhando na comunicação, mas operando o que Ruth Amossy (2017) descreve como o jogo da persuasão em um auditório heterogêneo.

Nessa dinâmica, a estratégia da evasão ganha destaque. O candidato se recusa a fornecer uma resposta direta a perguntas ameaçadoras, por meio de generalizações ou deslocamentos tópicos, violando a máxima da relação e, assim,

evitando temas sensíveis que ameacem sua face. Em entrevistas com candidatos políticos, essa estratégia é utilizada como forma de evitar assumir posicionamentos que possam gerar algum desgaste, preservando a aparência de cooperação e permitindo que o interlocutor infira sentidos sem que haja um comprometimento formal. Outra manobra frequentemente utilizada é o uso da ambiguidade, em que o falante cria espaço para múltiplas interpretações, permitindo que o público preencha as lacunas a partir de seus próprios interesses. Dessa forma, torna-se possível que o político ajuste e redefina suas declarações posteriormente, caso haja necessidade.

Por fim, as implicaturas também favorecem a preservação da imagem pública, permitindo que os políticos desenvolvam aspectos positivos de si mesmos ou evitem associações negativas, sem fazer declarações diretas. Por exemplo, em vez de dizer "Eu sou honesto", um político pode contar uma história sobre ter devolvido uma carteira perdida, deixando que o público infira que ele é honesto. Essa abordagem ajuda os políticos a evitar parecerem arrogantes ou defensivos.

Em resumo, as implicaturas são uma ferramenta poderosa na comunicação política. Elas permitem que os políticos evitem perguntas difíceis, falem de maneiras que possam ser interpretadas de formas diferentes por pessoas diferentes e protejam sua imagem pública. A teoria pragmática nos ajuda a perceber, portanto, o quanto da linguagem política acontece "nas entrelinhas" e como esses significados ocultos podem influenciar a opinião pública e os resultados políticos.

Dados e procedimentos metodológicos

Este artigo ancora-se em uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista, com base na perspectiva teórica da Pragmática. Tal escolha justifica-se pela necessidade de compreender os fenômenos comunicativos para além da superfície textual, priorizando a análise do sentido no contexto e a agência

dos interlocutores no jogo institucional (Levinson, 1983). O *corpus*[5] é constituído por trechos das entrevistas realizadas com os candidatos à Presidência da República durante as eleições de 2022, e que foram transmitidas pelo Jornal Nacional, da emissora Rede Globo.

As sabatinas analisadas ocorreram entre os dias 22 e 26 de agosto de 2022, com os quatro candidatos que ficaram mais bem posicionados na pesquisa de intenção de voto divulgada em 28 de julho de 2022 pelo Datafolha. As entrevistas aconteceram ao vivo e foram mediadas pelos jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos. A ordem foi estabelecida por sorteio: Jair Bolsonaro (PL) em 22 de agosto; Ciro Gomes (PDT) em 23 de agosto; Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 25 de agosto; e Simone Tebet (MDB) em 26 de agosto. As entrevistas abrangeram desde propostas econômicas e os escândalos em que os presidenciáveis estavam diretamente ou indiretamente envolvidos até os posicionamentos políticos e as promessas de campanha de cada um dos candidatos.

Os dados utilizados fazem parte da tese de Goulart (2025)[6] e foram transcritos seguindo o modelo Jefferson de transcrição (cf. Loder, 2008)[7]. Este modelo é fundamental para a análise interacional pois não se limita ao conteúdo verbal, mas observa os detalhes paralinguísticos e prosódicos, como pausas, entonações e sobreposições de vozes, que são fundamentais para identificar momentos de hesitação ou de estratégia comunicativa.

De acordo com Piatti (2009), a entrevista é um evento comunicativo que possui funções previamente definidas, em que o jornalista é o mediador que controla o tempo dos turnos e o assunto. Nela, os entrevistadores precisam fazer um esforço interacional de formulação linguística para se manterem neutros e não

[5] O *corpus* utilizado neste artigo é composto de material audiovisual de acesso público, que desta forma, portanto, não demandam aprovação do Comitê de Ética para fins de pesquisa.
[6] GOULART, Ana Carolina Fracalossi. **Análise sequencial das primeiras perguntas em uma série de entrevistas televisionadas a candidatos políticos.** 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2025,
[7] As convenções de transcrição utilizadas nos excertos deste artigo encontram-se detalhadas no Anexo.

demonstrarem suas opiniões, reforçando o caráter institucional e imparcial da entrevista política, mesmo diante de temas conflituosos.

Em entrevistas como as que serão analisadas, os jornalistas tendem a fazer perguntas sensíveis, que operam como atos ameaçadores à face e são relevantes para o eleitorado, auxiliando-o na decisão de voto. Em contrapartida, os candidatos utilizam estratégias para preservar a própria face, produzindo respostas indiretas, evasivas e, por vezes, previamente elaboradas. É esse embate que se cria entre as "perguntas sensíveis" e a "preservação da imagem" que provoca a quebra das máximas conversacionais e as consequentes implicaturas que serão analisadas nos excertos apresentados na próxima seção.

Cabe ressaltar que, embora a metodologia tenha previsto a observação das sabatinas dos quatro candidatos mais bem posicionados nas pesquisas de intenção de voto, este artigo delimita sua análise aos excertos de Jair Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva e Simone Tebet. Tal recorte justifica-se pelas limitações de extensão típicas do formato de artigo científico, sem prejuízo à representatividade do fenômeno pragmático investigado.

Análise das implicaturas nas entrevistas

Nesta seção, vamos analisar alguns excertos das entrevistas televisivas com presidenciáveis a fim de identificar como as implicaturas conversacionais surgem nas respostas dadas às perguntas feitas pelos jornalistas. A análise parte do princípio das máximas conversacionais, de Grice, focando nos momentos em que os candidatos, aparentemente, exploram as máximas de relevância, quantidade e modo para produzir sentidos e gerenciar a sua imagem pública. A seguir, faremos a análise da sabatina realizada com o candidato Jair Bolsonaro. Os excertos 1 e 2 fazem parte de um mesmo recorte da interação do candidato Bolsonaro (BOL) e do entrevistador Bonner (BON).

Excerto 1. Pergunta de jornalista a presidenciável em entrevista eleitoral (2022): responsabilização discursiva sobre falas acerca do sistema eleitoral

001 BON eu agradeço também a sua presença candidato e o tempo começa a:
002 ser conta:do a partir de agora >nós va<mos começar a entrevista
003 (.) com um assunto que tem (.) mobilizado os brasileiros >o
004 senhor< te:m xinga:do <ministros do supremo tribunal federal>
005 tem feito ataques <sem prova nenhuma> ao sistema eleitoral
006 brasile:iro
007 BON o senhor chegou inclusive a ameaça:r não ter eleição no brasil
008 >como se< (.) coubesse ao senhor (.) decidir uma coisa dessas
009 (.) candidato <com franqueza> o que é que o >senhor prete:nde ou
010 o que é que o senhor pretend:eu com isso> (.) o senhor pretendeu
011 por acaso criar um ambiente que <de alguma forma> permitisse um
012 golpe contra o qual inclusive a sociedade civil (.) se
013 manifestou agora com a divulgação de dois manifestos ou outros
014 manifestos em defesa da democracia

Fonte: Goulart (2025).

Excerto 2. Resposta de presidenciável à pergunta em entrevista eleitoral (2022): não resposta e reorientação do tema

015 BOL .h primeiro (.)

016 BOL você não tá (.) falando a verdade quando fala xing:ar ministros
017 °is°so não existe não existe é um fake news da sua parte .h
018 outra coisa eu quero é tra:nsparência nas eleições (.) vocês
019 >com toda certeza< não leram o inquérito (.) de dois mil e
020 dezoito (.) da polícia federal (.) que inclusive está <in con
021 clu so> (0.5) e aquela pergunta que eu sempre faço se você pode
022 (.) botar uma tranca a mais na sua casa pra evitar que ela seja
023 assaltada você vai fazer ou não (.) então esse é o objetivo
024 do-to- o objetivo d- disso que eu tenho falado sobre o tribunal
025 superior eleitoral

026 BOL e outra coisa em dois mil e quatorze tivemos eleições no segundo
027 turno o pê esse dê bê duvidou da >°lisu°<ra das eleições e
028 contratou uma auditoria e a conclusão da auditoria do pê esse dê
030 bê que as urnas são i-nau-di-táveis e só pra: ficar bem
031 tranquilo aqui bonner

032 BOL dois mil e dezoito (.) houve uma denúncia de fraude (0,5) e (.)
033 a senhora rosa weber determinou que fosse (.) aberto inquérito
034 pela polícia federal (.) para apurar fraude (.) que >obviamente<
035 se houve fraude eu ganhei quem fraudou <isso daí< a pê efe
036 continua apu°rando° começou a apuração (.) e quem informou o que
037 eu vou te falar aqui (.) para a >pê efe< foi o tribunal superior
038 eleitoral uma das partes do inquérito está assinado pelo chefe
039 do tê-i do tê-esse-e que hackers ficaram por oito meses d:entro
040 do tê-esse-e inclusive com as senhas do ministro de nome banhos
041 além de senha de outros cinco servidores imediatamente a polícia
042 federal pediu os lógins as impressões digitais (.) do que
043 ocorreu nas eleições de dois mil e dezoito (.) o tê esse é podia

```
044       ter informado no mesmo dia mas sete meses depois O tê-esse-e
045       informou que os lógins haviam sido apagados (.) então a gra°nde
046       interrogação exatamente >é essa daí< nós queremos evitar que
047       dúvidas pairem por ocasião da eleições agora [desse ano]
048
049  BON                                          [candidato]
050  BOL  >nada mais além disso<
```

Fonte: Goulart (2025).

O primeiro excerto apresenta a pergunta feita pelo jornalista William Bonner, em que solicita uma explicação franca do candidato em relação às suas falas a respeito do sistema eleitoral brasileiro. No segundo excerto percebemos a resposta de Jair Bolsonaro, que utiliza recursos pragmáticos para responder de forma evasiva.

A fala do entrevistador se orienta a um ponto específico: as declarações feitas pelo candidato colocaram em xeque a lisura do sistema eleitoral, por isso Bonner pede que Bolsonaro responda com franqueza, demandando uma explicação da intenção e uma responsabilização do discurso. No entanto, é possível perceber que o candidato ao invés de explicar suas falas, como solicitado, contesta, iniciando seu turno dizendo que o jornalista não está falando a verdade e que a informação é *fake news*. Esse movimento do candidato rompe com a máxima da relevância, pois ao substituir a explicação solicitada por uma acusação em sua defesa, ele evade do que é central. A ausência de resposta infere uma recusa em assumir a responsabilidade pelas declarações feitas, ao mesmo tempo em que tenta localizar a discussão como uma questão de “transparência”, e não de ameaça à democracia. Assim, o desvio funciona como estratégia para a gestão da própria imagem.

Além do desvio do tema proposto pelo entrevistador, falas como ‘outra coisa eu quero é transparência nas eleições’ (linha 018) são bastante genéricas. Elas implicam que a verdade dos fatos é menos importante que o patriotismo, ou seja, a crítica ao sistema eleitoral não é um ataque, mas uma forma de defender o país,

alinhando-se ao seu eleitorado. Além disso, por mais que Bolsonaro tenha tido um turno longo, essa extensão não indica uma maior informatividade; pelo contrário, quando se fala de “inquérito, hackers, senhas”, Bolsonaro não responde à questão central e não apresenta comprovação referente às suspeitas que levantou. Sendo assim, falou muito, mas esclareceu pouco. Dessa forma, há quebra da máxima da quantidade, além de implicar o não comprometimento do candidato com a verdade, ou seja, descumprindo a máxima da qualidade.

Por fim, ao não declarar se houve fraude e qual seria sua posição final, o candidato preserva a possibilidade de ser interpretado de diversas maneiras, conseguindo, assim, ajustar a sua fala a todos os públicos (apoiadores, eleitores indecisos ou críticos), sem se comprometer. Portanto, a exploração das máximas de Relevância e de Quantidade operam como estratégias na preservação da face, produzindo sentidos implícitos que só podem ser compreendidos no contexto específico da entrevista.

Diferente da postura de Bolsonaro, que utilizou a evasão para questionar a veracidade da pergunta, a análise da candidata Simone Tebet (TEB) revela um deslocamento estratégico. Em vez de negar o tema, ela explora a máxima da relevância para deslocar o foco dos escândalos atuais para o passado ético da legenda, como é possível observar nos excertos a seguir.

Excerto 3. Pergunta de jornalista a presidenciável em entrevista eleitoral (2022): responsabilização discursiva sobre corrupção e fisiologismo no partido

```
001  VAS  boa noite obrigada por ter vindo seu tempo começa a contar a
002       partir de agora .h candidata a senhora já disse que parte do
003       seu partido o eme-dê-bê foi para o fisiologismo (.) e se
004       envolveu (.) com corrupção a senhora afirma que nunca fez
005       parte disso mas afirma que é preciso fazer um mea culpa fato
006       é que políticos do (.) eme-dê-bê envolvidos em escândalos de
007       corrupção continuam no partido como é que a senhora pretende
008       depurar o eme-dê-bê
```

Fonte: Goulart (2025).

Excerto 4. Resposta de presidenciável à pergunta em entrevista eleitoral (2022): não resposta e reorientação do tema

009 TEB bom primeiro dizer que o eme-dê-bê é muito maior do que meia
010 dúzia de seus políticos e seus caciques é o maior partido do
011 brasil o partido que vem da base da redemocratização o meu
012 partido é o partido de ulysses guimarães de tancredo neves de
013 mário covas de homens desbravadores corajosos e acima de tudo
014 éticos que têm espírito público e >a vontade de servir o
015 povo< e hoje o meu espelho é pedro simon jarbas b- jarbas
016 vasconcelos então é este o espelho e esta é a minha
017 trajetória aprendi dentro de casa a ter coragem espírito
018 público e vontade de servir o eme-dê-bê vem da base é o
019 partido que tem o maior número de >prefeitos de
020 vice-prefeitos de vereadores de vereadoras< é um partido
021 ético que tem sim uma meia dúzia que (.) esteve por exemplo
022 envolvido no passado no escândalo do petrolão do pê-tê e que
023 não estão conosco aliás renata se você me permitir né
024 tentaram puxar o meu tapete até pouco tempo atrás tivesse um
025 tapete aqui eu acho que eu já tinha caído da cadeira também

Fonte: Goulart (2025).

Renata Vasconcellos aborda em sua pergunta o fato de que parte do partido da candidata se envolveu com corrupção e fisiologismo, e pergunta como Simone pretende depurar o MDB, implicando uma responsabilização. Para proteger tanto sua imagem quanto o seu partido, Tebet gera implicaturas explorando a máxima da relevância. Ao invés de listar formas de "depuração", como por exemplo a expulsão de membros, Tebet menciona nomes históricos como Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, associando-se à moralidade e não aos escândalos, implicando, além disso que o verdadeiro MDB é ético e que tais acontecimentos mencionados são uma exceção. Assim, ela tira o foco do presente (os escândalos de corrupção) e leva para o passado (a redemocratização do Brasil).

Ao se referir aos envolvidos como "meia dúzia", Tebet implica que o problema é estatisticamente irrelevante, apesar de a jornalista ter sinalizado que há um problema estrutural no partido. Além disso, ao mencionar o "Petrolão", faz questão de dizer que esse escândalo era do "PT", transferindo a carga negativa para o adversário das eleições, minimizando o envolvimento do MDB.

Por fim, a candidata, além de não responder objetivamente como depurar o partido do qual faz parte, coloca-se como vítima das figuras criticadas, ao mencionar “tentaram puxar o meu tapete” (linha 024). Assim, o que está implicado é que Tebet não apenas não faz parte da corrupção, mas é atacada por aqueles que a praticam. Isso valida sua moral para ‘depurar’, sem que ela precise explicar como o fará, fortalecendo sua legitimidade ética sem se comprometer.

Enquanto Tebet foca em se afastar de figuras negativas do partido, a sabatina de Luiz Inácio Lula da Silva revela uma estratégia diferente. No seu caso, a quebra das máximas de Relevância e Quantidade busca não apenas evitar escândalos, mas construir uma imagem de proatividade e controle diante de temas sensíveis.

Excerto 5. Pergunta de jornalista a presidenciável em entrevista eleitoral (2022): questionamento sobre corrupção e responsabilidade política

001	BON	obrigado por ter vindo candidato e nós vamos começar então essa
002		entrevista a partir de agora contando o tempo e vamos começar
003		falando de corrupção o supremo tribunal federal (.) lhe deu
004		razão (.) hã: considerou o então juiz sérgio moro (.) parcial
005		(.) anulou a condenação do caso do triplex e anulou também
006		outras ações por ter considerado a vara de curitiba incompetente
007		portanto o senhor não deve nada à justiça mas houve corrupção na
008		petrobras seegundo a justiça com pagamentos a: executivos da
009		empresa a políticos de partidos como o pê-tê como o então
010		pe-eme-dê-be e o pê-pê candidato como é que o senhor vai
011		convencer os eleitores de que (.) esses escândalos não vão se
		repetir

Fonte: Goulart (2025).

Excerto 6. Resposta de presidenciável à pergunta em entrevista eleitoral (2022): preservação de face e questionamento da Operação Lava-Jato

012	LUL	.h (tosse) bonner primeiro eu acho importante você ter começado
013		esse debate com essa pergunta (.) porque durante cinco anos (.)
014		eu fui massacrado e estou tendo hoje a primeira oportunidade de
015		poder falar disso abertamente ao vivo com o povo brasileiro (.)
016		primeiro >a corrupção< ela só aparece quando você p- permite que
017		ela seja investigada eu queria começar dizendo para você uma
018		coisa muito séria foi no meu governo que a gente criou o portal
019		da transparência que a gente colocou a cê-gê-u como minis°tro°
020		para fiscalizar que a gente criou a lei de acesso à informação a
021		gente criou a lei anticorrupção a lei contra o crime organizado

022 a lei contra a lavagem de dinheiro a a-gê-u entrou no combate à
023 corrupção criamos o coaf para cuidar de movimentações
024 financeiras atípicas e colocamos o cade para combater os cartéis
025 ou seja foram todas medidas tomadas no meu governo além do que o
026 ministério público era independente além do que a polícia
027 federal recebeu no meu governo mais liberdade do que em qualquer
028 outro momento da história porque você está lembrado que em dois
029 mil e cinco quando surgiu a questão do mensalão cheguei a dizer
030 o seguinte só existe uma possibilidade de alguém não ser
031 investigado nesse país é não cometer erro se cometeu vai ser
032 investigado e foi isso que nós fizemos olha se alguém comete um
033 erro alguém comete um delito investiga-se (.) apura (.) julga
034 (.) condena ou absolve e está resolvido o problema o que que foi
035 o equívoco da lava jato é que a lava jato enveredou por um
036 caminho político delicado a lava jato ultrapassou o limite da
037 investigação e entrou no limite da política o objetivo era o
038 lula o objetivo era tentar condenar o lula não sei se você está
039 lembrado que no primeiro depoimento que eu fui dar ao moro eu
040 falei moro você está condenado a me condenar porque você já
041 permitiu que a mentira foi longe demais e você sabe >do que que
042 eu tô falando< e aconteceu exatamente o que eu previa quando nós
043 entramos com o habeas corpus na suprema corte foi antes bem
044 antes do hacker e se você pegar o nosso habeas corpus a gente
045 está dizendo coisas que depois se descobriu com o hacker
046 investigado pela polícia federal então eu vou te dizer uma coisa
047 bonner vou dizer para você olhando nos olhos do povo brasileiro
048 não há hipótese não há hipótese eu quero voltar à presidência da
049 república e qualquer qualquer hipótese de alguém cometer
050 qualquer crime por menor ou por maior que seja essa pessoa será
051 investigada essa pessoa° será julgada e essa pessoa será punida
052 ou absolvida é assim que você combate a corrupção num país

Fonte: Goulart (2025).

O jornalista William Bonner inicia a sabatina perguntando como Lula convenceria o eleitor de que os escândalos de corrupção, dos quais foi absolvido, não se repetiriam. Em vez de responder diretamente, o candidato faz uma longa lista de mecanismos que foram criados em seus governos anteriores para o combate da corrupção, como o Portal da Transparência e a Lei de acesso à informação (linhas 018 a 020). Dessa forma, ao quebrar a máxima da relevância e não responder diretamente à pergunta, Lula sugere que esses mecanismos são a prova de sua integridade. Ele implica que, em seu governo, quem errar será sempre investigado. Assim, ele constrói uma implicatura na qual se posiciona não como o problema, mas como parte da solução.

É válido observar o início da fala de Lula no excerto. Com uma breve tosse e um tom professoral ao elogiar a pergunta feita pelo jornalista, o candidato tira todo o peso que acusações de corrupção poderiam trazer à entrevista e indica que não tem qualquer problema em falar sobre o assunto. Embora o que está dito pareça apenas um comentário positivo sobre a pergunta do entrevistador, é possível perceber que a sua função pragmática ultrapassa o conteúdo literal, e Lula demonstra ter a situação sob controle. Ao iniciar sua fala com elogios ao interlocutor, Lula está preservando ambas as faces, projetando para si uma imagem de calma e credibilidade, o que contribui para mudar o tom da entrevista, que poderia estar centrado em acusação e defesa, mas que passa a ser uma explicação.

Além disso, apesar de sinalizar que Lula não deve nada à justiça, dando todo o contexto a fim de evitar que a pergunta pareça um ataque pessoal, Bonner relembra que houve corrupção na Petrobrás, implicando que a absolvição jurídica não anula a responsabilidade política do candidato sobre o que ocorreu na estatal durante seu governo. Ao incluir esse fato, Bonner excede o que é necessário para que o candidato responda à questão jurídica e desloca o foco para o contexto político-moral do caso, quebrando a máxima da quantidade, mas esperando atender à máxima da relevância para o contexto.

Em sua resposta, o candidato cita a Operação Lava-Jato e diz que ela “enveredou por um caminho político delicado” (linhas 035 e 036). Aqui, o que foi dito por Lula é que a operação ultrapassou limites, no entanto, o que está implicado é que sua condenação não foi baseada exclusivamente em provas técnicas, mas em motivações de ordem política. Em seguida, ao mencionar o “hacker”, Lula insinua que a revelação da “verdade” ocorreu por vias externas ao sistema judicial, implicando que o sistema oficial falhou, deslegitimando a atuação institucional da operação. Assim, sem acusar diretamente, o então candidato questiona implicitamente a imparcialidade da operação Lava Jato.

De modo geral, a análise dos excertos demonstra que as violações das máximas conversacionais não são falhas comunicativas, mas recursos utilizados de forma estratégica pelos candidatos e pelos próprios entrevistadores na construção de sentidos implícitos. Em contextos como as sabatinas televisivas em que há tanta exposição, relevância, quantidade e modo são constantemente exploradas para evitar responsabilizações, deslocar o foco temático ou reforçar a credibilidade. Bolsonaro recorre à evasão para não se comprometer com suas declarações; Tebet faz menção ao histórico do partido para suavizar acusações; Lula, por sua vez, reinterpreta situações para produzir legitimidade e proteger sua face. Em todos os casos, as implicaturas conversacionais funcionam como mecanismos centrais de negociação de face e gerenciamento da imagem pública, mostrando que o sentido dessas interações é construído menos pelo que é explicitamente dito e mais pelas inferências pragmaticamente acionadas nas entrevistas.

Considerações finais

A partir da análise das sabatinas presidenciais de 2022, sob a lente da Pragmática, foi possível observar como a comunicação dos candidatos diante de um cenário de alta exposição raramente é transparente; pelo contrário, o dito funciona como uma “máscara” para o que está implicado. A aplicação das Máximas Conversacionais de Grice revelou alguns padrões recorrentes no discurso dos quatro candidatos, visando não a cooperação ou a clareza informativa, mas sim o equilíbrio entre a sobrevivência política e as exigências da interação jornalística.

Dentre as máximas griceanas, a da Relevância foi a mais explorada, pois apesar de os presidenciáveis não ignorarem as perguntas por completo, na maior parte das vezes faziam um reenquadre, dando ênfase naquilo que lhes era mais favorável. Enquanto Bolsonaro utilizou a estratégia para evitar confirmar declarações polêmicas, Tebet e Lula a exploraram para retomar contextos históricos e deslocar responsabilidades.

No que tange às implicaturas conversacionais identificadas, foi possível perceber que elas estavam a serviço da preservação da face, ou seja, da própria imagem política. O uso sistemático do implícito permitiu que os candidatos evitassem uma negação direta, transferindo o ônus político para terceiros e sustentando uma ambiguidade estratégica, permitindo que a audiência polarizada pudesse tirar as suas próprias conclusões.

Portanto, este artigo reafirma a Pragmática como um instrumento analítico fundamental para a compreensão dos discursos políticos contemporâneos. Fica demonstrado que o sucesso de uma sabatina eleitoral não está na capacidade do candidato de interagir cooperativamente, atendendo às máximas conversacionais, mas na habilidade técnica de gerir o implícito. Em última análise, o sucesso de um presidenciável nesses eventos reside na sua capacidade de negociar sentidos e manobrar implicaturas para diminuir os atos ameaçadores à sua face, transformando um momento de inquisição em uma oportunidade de gerenciamento de imagem e projeção de poder.

Referências

AMOSSY, R. **A argumentação na comunicação.** São Paulo: Contexto, 2017.

BROWN, P. & LEVINSON, S.. **Politeness: Some universals in language usage.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político:** problemas de análise**.** São Paulo: Contexto, 2010.

CLAYMAN, S; HERITAGE, J. **Talk in Action: Interactions, Identities and Institutions.** West Sussex: John Wiley & Sons. (2010)

GARCEZ, P. M.; OSTERMANN, A. C. Glossário conciso de Sociolinguística Interacional. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 257-264.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual:** Essays on Face-to-Face Behavior**.** Garden City, NY: Anchor Books, 1967.

GOULART, A. C. F. **Análise sequencial das primeiras perguntas em uma série de entrevistas televisionadas a candidatos políticos.** 2025. 123 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2025.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. *In*: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística (IV)**. Trad. João Wanderley Geraldi. Campinas, Unicamp, 1975/1982.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press,1983.

LODER. L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. LODER. L. L. JUNG. N. M. In: **Fala-em-interação social**: uma introdução à Análise da Conversa Etnomentodológica. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

PIATTI, Guillermina. La entrevista radiofónica como esgrima verbal: estructura y función de los episódios Polémicos. **Revista Onomazéin**, Chile, n.19, 2009, p. 89-110.

Anexo – Convenções de transcrição

Fonte	Courier New, tamanho 10
[colchetes]	Fala sobreposta
(0.5)	Pausa décimos de segundos
(.)	Micro pausa em menos de dois décimos de segundo
=	Contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos
.	Descida de entonação
?	Subida de entonação
,	Entonação contínua
:	Alongamento de som
-	Auto interrupção
sublinhado	Acento ou ênfase de volume
MAIÚSCULA	Ênfase acentuada, grito
°	Fala mais baixa imediatamente após o sinal

°palavra°	Trecho falado mais baixo
palavra:	Descida entoacional inflexionada
palavra:	Subida entoacional inflexionada
↑	Subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados
↓	Descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado
>palavra<	Fala comprimida ou acelerada
<palavra>	Desaceleração da fala
<palavra	Início acelerado
hhh	Aspirações audíveis
(h)	Aspirações durante a fala
.hhh	Inspirações audíveis
(( ))	Comentários do analista
(palavra)	Transcrição duvidosa
( )	Transcrição impossível
tsc	Estalar de língua
ROB	Indicação do turno de fala de um/a dos participantes (e.g. Roberto)
ROB	Indicação das ações corporificadas de um/a dos participantes (e.g. Roberto)
@---->@	Delimitação de início e fim de ação corporificada de um/a participante
&---->&	Delimitação de início e fim de ação corporificada de outro/a participante
%---->%	Delimitação de início e fim de ação... (um símbolo para cada participante)
#	Indicação do ponto exato de captura da imagem apresentada
fig	Indicação da captura de imagem sobre o vídeo em ordem de ocorrência

Sobre os autores

Ana Carolina Fracalossi Goulart

Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0396-8554

Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e graduada em Letras-Português pela mesma instituição. Participa do grupo de pesquisa “GLIE”: Linguagem, Interação e Etnometodologia.

Lorena Silva Mariano Medina

Orcid: https://orcid.org/0009-0009-7355-8471

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e graduada em Letras-Português pela mesma instituição. Participa do grupo de pesquisa “GLIE”: Linguagem, Interação e Etnometodologia.

Guilherme Mees Zen

Orcid: https://orcid.org/0009-0005-1814-4525

Licenciado em Letra-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisador na área de Linguística Aplicada, com ênfase em Análise da Conversa e Etnometodologia. Atualmente pesquisa sobre as interações em sala de aula e atua como professor de Língua Portuguesa pela Prefeitura Municipal de Serra.